

Movimentações em torno de um feminino sagrado: os Círculos de Mulheres em
Fortaleza (Ceará) e as novas espiritualidades¹

Raquel Guimarães Mesquita- Universidade Federal do Ceará- Brasil
Antônio Cristian Saraiva Paiva- Universidade Federal do Ceará- Brasil

Na cidade de Fortaleza, no nordeste brasileiro, observa-se a partir da década de 2010, uma movimentação em torno de uma espiritualidade feminina que busca a “força” de um feminino ancestral, ocultada pelo estilo de vida moderno. As mulheres participantes, no geral, brancas, escolarizadas e da classe média, reúnem-se em “Círculos de Mulheres”, espaços de fala e escuta que podem se estruturar de modo mais vivencial e ritualístico, com cânticos e danças ou mais “mentais”, funcionando como uma espécie de grupo de leitura e estudo. Independente do formato, a noção de que o feminino moderno está ferido e precisa ser curado se repete, marcando esses espaços com a noção de “cura”. Além disso, essa espiritualidade também gira em torno das noções de autoconhecimento, expansão da consciência e práticas terapêuticas (esotéricas e tradicionais). No ano de 2019, acompanhou-se seis círculos de mulheres, além de eventos, cursos e workshops relacionados à temática, notando-se que nesses espaços a “religião” é eclipsada pela noção de “Espiritualidade”, deslocando o sagrado de espaços institucionais para uma vivência mais fluida e extremamente individualizada. Para Guerriero (2006), é notório que as religiões estão em um processo de transformação e um novo campo religioso vem se configurando de modo muito distinto da visão tradicional da religião, ligada à noção de Igreja. Esse novo campo religioso é mais amplo, agrupando expressões e práticas que buscam uma expansão da consciência e uma elevação espiritual, podendo ser identificado como “religiosidade”, “espiritualidade”, “nova era”, “religiões alternativas” ou mesmo “Novos Movimentos Religiosos”, como o autor defende. As modificações por que a religião passa não se configura como um movimento organizado e único, mas antes se remete à ideia de mudança como fluidez e contínuo movimento. Na medida que o número de religiões cresce, o sujeito “livre” tem a possibilidade de escolher qual experiência religiosa vivenciar, quais valores aderir, podendo -ele mesmo- fazer múltiplas colagens de crenças e práticas, de modo que dê conta de suas inquietações pessoais. É nesse amplo espectro religioso que situamos as atividades em torno de uma Espiritualidade Feminina

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

que reivindica uma retomada do poder pessoal através do autoconhecimento, do acolhimento da sua natureza sagrada e da cura de um feminino ferido por uma cultura linear e masculina.

Palavras-chaves: Círculos de mulheres, espiritualidades, Sociologia da Religião.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é uma tentativa de síntese da pesquisa de doutorado que tenho conduzido desde 2019, acerca da movimentação de um feminino sagrado que vem sendo retomado por grupos de mulheres que se reúnem em Círculos (ou rodas) de mulheres. Essa movimentação se manifesta não apenas nos círculos, mas também em eventos, workshops, imersões, festivais, dentre outros formatos.

Esses espaços são marcados por algumas noções que caracterizam esse fenômeno social. Nos círculos e demais espaços tem-se como central a ideia de que o feminino, na modernidade, está “ferido”, necessitando de cuidado e cura. Para as participantes, essa ferida do feminino é causada pela própria dinâmica moderna, capitalista e patriarcal. A ferida é localizada, então, no seio da própria cultura. Esse feminino ferido pode se expressar de diferentes modos, seja por meio de desafios pessoais ou adoecimentos físicos, emocionais ou espirituais.

Nessa dinâmica, apresentam-se outros elementos importantes como a menstruação, a ciclicidade e a natureza. Esse trinômio produz uma série de sentidos que articulam as mulheres à natureza, sendo comum ouvirmos a frase “nós mulheres somos natureza”. Não nos determos nesse tema aqui, mas ele será discutido de forma mais aprofundada no texto da tese.

Além de apresentarmos os principais achados do trabalho de campo, também exercitamos uma classificação de algumas noções com o auxílio do trabalho de Magnani (1999). A partir de *A Mystica Urbe*, fomos identificando quais elementos já apareciam no estudo do autor que se repetiam na atual investigação, fazendo aproximações interessantes que nos ajudam a analisar e compreender esse fenômeno.

Discutimos também como os círculos de mulheres se situam em relação às novas espiritualidades, apresentando a discussão sobre secularização e laicização da religião no horizonte da modernidade, indicando como essa desinstitucionalização do religioso abriu espaços para formas mais individuais de relação com a espiritualidade.

OS CÍRCULOS DE MULHERES: ACHADOS DE PESQUISA

Durante todo o ano de 2019 até meados de março de 2020, acompanhei o circuito de atividades relacionadas a esse feminino sagrado que vinha se estabelecendo na cidade de Fortaleza, Ceará (interrompidas pela pandemia e que estão sendo retomadas agora em meados de 2022). Dentre as atividades, destaco os Círculos de mulheres, elemento central na pesquisa, mas também imersões, festivais e workshops que mobilizavam um conjunto de temas relacionados a esse feminino sagrado, como a menstruação, a ginecologia natural, o uso de ervas para banhos, a aromaterapia, dentre outros.

Antes mesmo de começar a pesquisar sobre os círculos, em 2017, comecei a participar de um círculo de mulheres motivada por questões pessoais. Esse engajamento prévio nos círculos me ajudou a acessar contatos, conseguindo me inserir de modo relativamente fácil em outros espaços.

Essa proximidade me fez também estar atenta a movimentos necessários como o de estranhar o familiar, saindo um pouco da minha posição prévia- de participante- que já domina os códigos e símbolos desses espaços e indo para o lugar de uma pesquisadora alheia aquela dinâmica.

As atividades de trabalho de campo foram registradas em diários. Logo ao término do círculo, quando voltava para casa, eu tomava pequenas notas que me ajudavam a ancorar a memória para que no dia seguinte eu começasse a escrever no diário de campo- às vezes a mão, outras no computador- a narrativa daquilo que tinha observado. Foi assim que durante o primeiro ano de doutorado fiz a maior parte do trabalho de campo da pesquisa.

Os Círculos de mulheres (ou roda de mulheres) podem ser entendidos como espaços de fala e escuta que podem se estruturar de diversos modos, alguns são mais vivenciais e ritualísticos, com cânticos e danças, outros mais “mentais”, funcionando como uma espécie de grupo de leitura e estudo. Essa forma de organizar uma reunião de mulheres é uma ferramenta comum nos grupos New Age, sendo possível encontrar círculos conduzidos por facilitadoras ligadas à Wicca (CORDOVIL, 2015) ou à Nación Pachamama, como observei durante o trabalho de campo. Apesar dessa pertença da facilitadora em relação a um grupo mais institucionalizado, os círculos permanecem “abertos” a não-adeptos, ou seja, a vinculação da facilitadora não vincula o círculo a uma expressão religiosa, sendo comum a negação do próprio caráter religioso do círculo.

Com isso, já apresentamos um elemento importante da investigação, a reelaboração da noção de religião. Nos círculos, como nos demais espaços relacionados, há uma negação do caráter religioso. Estando o religioso ligado à noção de igreja/instituição, nesses espaços se busca construir uma vivência do sagrado livre de dogmas e associada a uma busca pessoal de cura e reconexão consigo (autoconhecimento).

Dos seis círculos que acompanhei entre 2019 a 2020, apenas um era conduzido por facilitadoras ligadas à Nación Pachamama. Os demais eram encabeçados por mulheres que não se identificavam explicitamente como pertencentes a nenhuma instituição religiosa, dando o tom de uma espiritualidade que é vivenciada de modo muito fluido e individual.

Mas do que tratavam essas mulheres? Quais assuntos as demandavam? Nesses seis círculos, alguns mais ritualísticos, outros mais dialogados, alguns temas se repetiram e assumiram certo protagonismo.

Até aqui, já sabemos que o feminino no mundo moderno está ferido, necessitando de cura. Essa ferida do feminino, causada pelo modo de vida atual, faz com que as mulheres percam a conexão consigo mesmas e com a sua sabedoria interior. Para recuperar essa mulher selvagem², em conexão profunda consigo mesma, são articulados uma série de conhecimentos sobre “o feminino³”.

É comum nesses espaços o estudo sobre o ciclo menstrual em associação aos ciclos lunares. Aqui se situa dois pontos principais de articulação: menstruação e natureza. Para essas mulheres o ciclo menstrual está associado ao movimento lunar, sendo possível estabelecer uma correlação entre fases do ciclo menstrual com as fases da lua. Assim, empreende-se, nos círculos, um estudo que explica como é possível compreender a menstruação a partir do movimento lunar no céu. Essa reelaboração da narrativa menstrual situa o sangramento mensal a partir de um outro marcador, não mais os dias, mas a lua (nova, crescente, cheia e minguante).

² O termo mulher selvagem é divulgado amplamente nos círculos por conta do livro *Mulheres que correm com os lobos* que faz referência a uma recuperação pessoal dessa mulher selvagem, espécie de imagem interior não domesticada pela cultura, fonte de vida psíquica para as mulheres.

³ O feminino aqui figura como uma categoria nativa. Nos círculos, é comum se fazer referência a um “feminino”, sem problematizar como os símbolos de feminino são articulados e definidos a partir de um determinado conjunto de práticas sociais.

A cada fase lunar é sobreposto um “arquétipo do feminino⁴”, arquétipo da anciã ligado à lua nova (menstruação), menina ou donzela ligado à lua crescente, mãe ligado à lua cheia e feiticeira ligado à lua minguante. Essa tripla associação (fase do ciclo menstrual, fase lunar e arquétipo do feminino) dá forma a um conjunto de explicações sobre a menstruação que abrem espaço para uma experiência corporal cíclica, em que há quatro momentos a serem observados e experienciados, alguns marcados por grande vitalidade, energia e entusiasmo (fases da menina e da mãe) e outros ligados a momentos de introspecção e baixa energia (fases da feiticeira e anciã).

Se num primeiro momento foi a menstruação que me saltou aos olhos, posteriormente, entendi que é a noção de ciclicidade que embasa a compreensão do feminino elaborada nesses espaços. Mas em breve nos aprofundaremos nesse aspecto.

Ainda sobre o binômio menstruação e natureza é necessário adentrar um pouco mais nesses caminhos de sangue. A menstruação passa, nos círculos, a ser reelaborada. Agora, não mais como um castigo de Deus às mulheres, como nos conta o Gênesis, uma experiência ligada à dor (cólicas, irritação, tensão pré-menstrual), mas sim como uma experiência de conexão consigo mesma, capaz de informar sobre os estados físicos, emocionais e espirituais daquela que sangra. É assim que a menstruação vai se configurando como uma ferramenta de autoconhecimento, espécie de oráculo que fala sobre o sujeito.

Para que seja possível interpretar os sinais desse “oráculo” é incentivado o acompanhamento do ciclo menstrual, sendo comum a indicação da mandala lunar⁵. A mandala pode ser confeccionada à mão, mas é comum que as mulheres adotem uma mandala mais elaborada, na forma de agenda, com uma série de textos e informações sobre o ciclo. Ao longo dos anos, houve uma diversidade de produções dessas mandalas ao estilo de uma papelaria esteticamente elaborada, como os casos dos produtos: Mandala luna: um caminho de autoconhecimento, de Ive Holthausen e Naíla Andrade, Anuário da Deusa Dançarina, de Yasmin Meera & Colaboradoras e Lunário Yonni das Pretas: ciclicidade menstrual, criativa e produtiva de Caroline Amanda, esse marcado por

⁴ Outro termo presente nos círculos, muitas vezes mobilizado sem um arcabouço teórico sólido, se confundindo com uma imagem ideal ou um modelo.

⁵ Essa mandala pode ser entendida como um recurso ou ferramenta que ajuda as mulheres a fazerem esse acompanhamento do ciclo menstrual. Há mulheres que mesmo não menstruando também preenchem essa mandala como forma de se conectarem com o movimento lunar. A ideia inicial é que a cada dia do ciclo menstrual a mulher pinte parte da mandala, criando um sistema de cores associado a seu estado físico e emocional. Cada dia está associado a um movimento da lua, ou seja, ao longo de 28 dias de ciclo menstrual acompanha-se também um ciclo lunar.

questões da negritude (o que não representa a maioria das participantes, mas aponta para uma reelaboração dos próprios círculos e do público que participa deles). Na mandala são registrados tanto os dias de sangramento menstrual, como os sintomas manifestados no corpo físico, mas também as mudanças de humor, dentre outros marcadores emocionais escolhidos por cada mulher para acompanhar seu movimento cíclico.

Essa compreensão mais positiva do ciclo menstrual conduz as participantes a uma outra noção importante na nossa discussão, a de que mulheres estariam localizadas na natureza. É a ressignificação do ciclo menstrual que faz com que essas mulheres possam fazer as pazes com a dimensão “natural” que as habita, torcendo o que até então era substrato de opressão, passando agora a ser matéria de identificação.

A frase “nós mulheres somos natureza” foi uma das mais ouvidas durante o trabalho de campo, retratando bem o movimento de recolocar as mulheres no espaço do natural. Em outros trabalhos, eu discuti de modo mais elaborado como esse movimento de recolocar as mulheres na natureza indica uma reconstrução da noção de natural, que passa a ser reconstruído de modo poderoso, relacionado às capacidades de criação e nutrição. Essa natureza, da qual as mulheres são próximas, mais ainda, essa natureza da qual as mulheres fazem parte é uma natureza que se opõe à modernidade, que é revivida a partir do resgate e valorização de narrativas míticas sobre um feminino poderoso e honrado, a exemplo das discussões feitas em torno das comunidades matrilineares do paleolítico, retomadas por autoras como Gimbutas e Eisler, estas comumente citadas pelas facilitadoras dos círculos.

Ainda sobre o debate natureza e cultura, é possível identificar outros pontos de contato importantes que mostram a diversidade de temas encontrados nos círculos, por uma perspectiva socioantropológica.

Primeiro, nesses espaços, tem-se de diferentes modos uma troca com a natureza, como na prática do plantar a lua, quando as mulheres depositam o sangue menstrual em plantas, como forma de “trocar com os deuses”, uma vez que se entende a natureza também como uma entidade- que tudo dá e tudo tira. Também é comum a troca com as plantas em práticas de benzimentos e banimentos, quando são usadas para retirar do corpo as más energias (a arruda é especialmente usada para isso). Mas não só as plantas são dotadas de agência, elementos como o sal e os cristais também são dotados de poder, capazes de auxiliar em tratamentos, sendo considerados de certo modo “como humanos”, ou seja, sendo possível conversar com eles, escutá-los, pedir orientações e receber a ajuda que eles têm para dar.

Além disso, poderíamos também discutir como esse re-encatamento da natureza é feito por mulheres escolarizadas, algumas das quais com pós-graduação completa, ou seja, essa perspectiva mágica do mundo é recuperada por um estrato social esclarecido, intelectualizado. Se o mundo ocidental foi erguido a partir do horizonte da razão, aqui, notamos que a mesma razão não deu conta de apagar o caráter misterioso do mundo, mas abriu espaço para ele. Essas considerações deverão ser mais discutidas no futuro trabalho de tese, mas indicamos já aqui esses elementos que se apresentam como pontos de articulação importantes para o debate natureza e cultura.

Aqui, reflito sobre outro ponto importante para as investigações sobre esse fenômeno. Esses círculos colocam em ação uma construção de narrativas que disputam com outras, já estabelecidas. No tocante à menstruação, essas mulheres se voltam para os próprios corpos (são mulheres cisgênero) e assumem o protagonismo de lidar com um fenômeno material que as atravessa, assumindo para si mesmas e construindo um discurso coletivo sobre os significados da menstruação e os modos possíveis de vivenciá-la. Quando nos voltamos para o argumento de “nós mulheres somos natureza”, mais uma vez essas mulheres assumem para si o controle da narrativa ao buscar e identificar na história, narrativas paralelas sobre o feminino, a gestação, o corpo, colocando em pauta estudos e livros que disputam-academicamente- a legitimidade de narrativas sobre o feminino e sua importância na história.

Essa inserção em um conjunto de narrativas que disputam entre si o direito de narrar não garante a essas mulheres a última palavra sobre a menstruação ou sobre os estudos arqueológicos. Tampouco, penso que essas narrativas não sejam também “contaminadas” por uma perspectiva romantizada ou ainda europeizadas (haja vista, as autoras lidas, as referências citadas), mas chamo atenção que os círculos de mulheres, no contexto que foi estudado, é um ponto de articulação dentre uma longa linha de manifestações sociais e produções culturais em que há um protagonismo feminino assumindo a disputa pela capacidade de narrar o próprio feminino, aqui elaborado a partir de marcadores como a natureza e a espiritualidade⁶.

Chego então à noção de ciclicidade, aspecto central nesses espaços. É em torno dessa noção que orbitam as questões da menstruação (ciclo menstrual) e natureza (ciclo

⁶ Poderíamos nos alongar aqui, identificando como esse feminino se articula com a natureza e a espiritualidade a partir das produções culturais que desde a década de 1970 possibilitam o entendimento de uma Espiritualidade Feminina, contudo, optamos por apenas citar brevemente algumas autoras que animam esse debate: Starhawk, Marion Zimmer Bradley, Marija Gimbutas, Merlin Stone, Mirella Faur, Miranda Gray.

lunar). Se nós mulheres somos naturezas, aceitamos então o tempo cíclico em que nossos corpos (útero, ou útera, como algumas mulheres falam) e também nossas emoções existem. A ciclicidade é a base epistemológica que abre espaço para uma reinterpretação da menstruação e para a construção da ideia de um feminino natural, logo, um feminino cíclico.

Trazemos, ainda, mais um tema comum nos círculos que dialoga com a compreensão de início apresentada sobre um feminino ferido. Se o feminino está ferido e precisa de cuidado, mobiliza-se, então, nesses espaços, diversas práticas de cura.

O feminino ferido pela cultura se manifesta numa desconexão consigo mesma, por meio de uma desvalorização das relações entre mulheres (dificuldades de manter amizades, rivalidades, etc) e em processos familiares dolorosos (dificuldade de relacionamento com mãe, avós, etc). Esse feminino ferido pode se manifestar em questões de saúde física (casos de ovário micro policísticos, endometriose, etc), infertilidade, dificuldades nos relacionamentos, falta de confiança em si mesma, dentre tantos outros problemas que possam marcar as histórias de vida das mulheres participantes. Esses problemas, por sua vez, mobilizam práticas de cura que vão desde técnicas tradicionais com ervas (chás, unguentos), práticas integrativas complementares (aromoterapia, reike, biodanza), práticas esotéricas (theta healing, florais da lua, constelação familiar, oráculos, etc) ou ainda uma medicina⁷ da própria mulher que ao se autoconhecer pode mobilizar habilidades próprias a favor de seu processo de cura (como a prática da escrita, do canto, da dança, da pintura, etc).

FORTALEZA MÍSTICA: ALGUMAS CLASSIFICAÇÕES A PARTIR DO MYSTICA URBE

O livro de Magnani (1999), *Mystica urbe*: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole muito nos inspirou em relação ao tema aqui estudado e elaborado. A publicação, conhecida tanto pelos estudos de religião como pelos estudos da cidade, apresenta pontos importantes para a compreensão da dinâmica do meio neo-esotérico na cidade de São Paulo. Publicado há mais de 20 anos, o estudo indica algumas noções que observamos também no circuito do sagrado feminino na cidade de Fortaleza-Ceará, em 2019, por isso, tomamos essa publicação para um cotejo.

⁷ Outro termo encontrado durante o trabalho de campo.

O autor compreende o termo neo-esotérico como apontando para um conjunto geral e difuso de práticas, valores, hábitos e discursos, não se relacionando a uma determinada instituição ou crença. As atividades desse circuito se construíam em São Paulo como uma rede (de espaços, serviços, estudos, treinamentos, etc) profissional, acontecendo de modo constante, marcando assim o espaço urbano.

Concordamos com Magnani (1999) quando este diz que "apesar da presença e da influência de religiões no meio neo-esô, este certamente não constitui um sistema religioso" (MAGNANI,1999, p. 51). Nos círculos, fica claro o contraste entre o caráter religioso e a dimensão da noção de espiritualidade, indicando um movimento de distanciamento entre essas duas noções. A religião, nesses espaços, é vinculada a dogmas, preceitos e obrigações a serem cumpridas enquanto a espiritualidade é experienciada de modo pessoal, individualizado e sem obrigações comunitárias. A noção de comunidade, nos círculos, parece se constituir de modo temporário, enquanto dura o encontro, sendo diluída logo depois.

A pesquisa de Magnani (1999) encontrou regularidades em relação à implementação e à distribuição dos espaços, nas normas de funcionamento, no calendário das atividades e no discurso base dessas práticas.

Quanto ao calendário, o autor destaca, dentre outras datas importantes, aquelas relacionadas à natureza como as mudanças de estações do ano e as fases lunares. Na pesquisa que conduzimos, em Fortaleza, a conexão com a natureza também organizava o "tempo" dos encontros, sendo comum os círculos se reunirem nas luas novas ou luas cheias. Determinados dias também engendram celebrações e práticas como o dia dedicado a alguma deusa específica ou o dia primeiro do mês, quando se sopra canela para se atrair prosperidade. Esses aspectos se relacionam com o que Magnani já apontava no final dos anos 1990, na região sudeste do Brasil.

No que toca às práticas desenvolvidas, Magnani (1999) as classifica em três tipos: *divulgação e formação* com foco na disseminação e treinamento, *terapias* voltadas para cura ou prevenção de males e *vivências* com cerimônias ou ritos em datas significativas. Tentando aproximar com o trabalho de campo realizado em Fortaleza, no que toca os círculos de mulheres, também percebemos semelhanças com a descrição proposta pelo autor. Elencamos os círculos de mulheres como unidade central dessa movimentação em torno de um feminino sagrado, contudo, acompanhando as rodas há uma gama variada de cursos e formações que tratam de temas relacionados, como ginecologia natural, aromoterapia, banhos, dentre outros. As terapias são comuns aos

círculos, sendo experienciadas dentro do encontro do círculo, como os florais da lua⁸ que em alguns círculos eram ministrados durante o encontro, bem como os escalda-pés com ervas e cristais ou mesmo banhos (de argila, de sal grosso). As vivências, apontadas por Magnani como cerimônias em datas significativas estariam próximas à dinâmica dos próprios círculos ou ainda ligadas aos eventos mais estruturados, como vivências de final de semana que acontecem, no geral, fora da capital, indicando um movimento do urbano para o campo.

Por fim, também notamos semelhança na base discursiva que se faz presente nos círculos com o que Magnani (1999) apresentou no livro *Mystica Urbe*. No circuito paulistano a base discursiva se dava a partir da Noção de Tradição e Ciência.

O polo da tradição é entendido como lócus de conhecimentos valiosos sobre a natureza e o homem e classificada em dois eixos: tradição erudita e tradição popular.

A primeira, estaria relacionada a uma produção codificada e documentada, as grandes civilizações do Ocidente e Oriente, o esoterismo ocidental desde a cabala às sociedades secretas modernas, as civilizações sul americanas (Inca, Asteca, Maias) e as civilizações perdidas, como Atlântida e Lemúria. Já a tradição popular, faz referências a saberes ágrafos, como as tradições indígenas dos nativos americanos e canadenses, além dos povos originários dos Andes, Oceania, América do Sul e Central e as tradições populares camponesas e urbanas com seus adivinhos e curandeiros.

Já no polo da ciência, são celebrados alguns achados científicos que validam saberes tradicionais. Algumas disciplinas são mais presentes no circuito neo-esô, como a física quântica, a biologia, a antropologia e a arqueologia. Contudo, a forma como essas matérias são conduzidas e misturadas nem sempre seguem o rigor da própria ciência, “[...] o que se privilegia são determinados enfoques, hipóteses ou linhas consideradas [...] de ponta [...]” (MAGNANI, 1999, p.85).

No espectro do sagrado feminino, a base discursiva gira em torno também do binômio tradição-ciência.

Na tradição, é comum a referência a saberes tradicionais, como a manipulação de ervas, práticas de xamanismo, medicinas ligadas aos povos tradicionais (como o Cacau). É também recorrente nos espaços onde acontecem as reuniões a presença de referências a culturas ocidentais e orientais, como deusas de antigas civilizações (greco-romana, indiana), símbolos celtas, chacras, abertura das direções segundo a tradição xamânica,

⁸ Medicina floral, a exemplo dos florais de Bach, mas com foco em questões relacionados ao útero e ovários.

além da presença de referência africanas, com orixás femininas. Há também referência a civilizações perdidas, como Lemúria. Acrescentamos à dimensão da tradição erudita os conhecimentos de mentores espirituais de outras dimensões, como os sirianos, arcturianos e pleidianos. As práticas populares de cura, com a figura da curandeira, benzendeira, raizeira e erveira são também resgatadas e valorizadas.

No campo da ciência, o que se sobressai são os estudos de arqueologia, além da presença dos estudos de psicologia com base junguiana e arquetípica (como o livro *Mulheres que correm com os lobos*, considerado “a bíblia do sagrado feminino”). As mulheres participantes dos círculos são em sua maioria escolarizadas e a dimensão da leitura e estudo é bem comum, tanto que alguns círculos tem a leitura como elemento central. Durante os encontros, é comum citarem estudos de base científica como forma de validar o argumento apresentado, sendo comuns a referência às pesquisas de Gimbutas, citada por Mirala Faur no livro *Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas*, bem como Eisler, com o livro *O cálice e a espada*.

A movimentação em torno do feminino sagrado estava se articulando no mesmo sentido que Magnani coloca, como um circuito pela cidade. Em 2019, acompanhei seis círculos, além de workshops, cursos e vivências que aconteciam em Fortaleza e na região metropolitana, contudo, com a pandemia do SARS-CoV-2 esse circuito foi diluído, deslizando para o virtual, quando as facilitadoras tiveram que adequar seus trabalhos a esse novo contexto. Agora, em agosto de 2022, com a vacinação em massa, o circuito parece se movimentar em direção a uma reconstrução. Aos poucos as facilitadoras têm retomado seus trabalhos presencialmente, algumas ofertando cursos de benzimento, sessões de thetahealing, outras propondo círculos, além da emergência de novas facilitadoras que trazem elementos antes não observados, como a cerimônia do cacau e os trabalhos com Maria Madalena.

DA RELIGIÃO À ESPIRITUALIDADE: MOVIMENTOS DO RELIGIOSO

O mundo religioso não escapa das transformações advindas da modernidade. A razão iluminista europeia guiou a colonização e chegou em terras brasileiras, ainda que misturada a traços culturais e processos históricos outros. No Brasil, os processos de laicização do estado e de secularização (perda da zona de influência da Igreja sobre outras esferas da vida) foram costurados à construção da nação brasileira em meio a um território

amplo, que foi aos poucos colonizado, concentrando as cidades (e a religião Católica) no litoral e nas incursões das bandeiras (NEGRÃO, 2008).

Podemos situar essa discussão sobre religião no Brasil em um espectro mais amplo, as religiões na modernidade. Como as transformações históricas de um mundo tradicional para um mundo moderno marcou a religião? Quais movimentos o mundo religioso realiza no horizonte da modernidade? Quais marcos da modernidade respingam na religião?

Aqui, iremos discutir, a partir de Bobineau e Tank-Storper algumas dimensões dessas transformações do religioso na modernidade.

Bobineau e Tank-Storper (2011) apontam que a modernidade marca o religioso de diversos modos. As grandes religiões perdem seu poder de impor regulamentações da vida (social, econômica, erótica, etc) em favor de um mundo pautado pela técnica e pela razão (racionalização). Ao perderem o poder de narrar a verdade sobre o mundo, as religiões são atravessadas por uma porosidade que as faz se fragmentar, sendo possível encontrar várias outras formas de se relacionar com o sagrado, muitas delas privilegiando uma experiência individual, distante dos dogmas religiosos, marcando o lugar do religioso como algo da esfera privada (pluralização e individualização).

A partir da década de 1970, passa-se a falar, nos estudos sobre Religião, de uma dessecularização do mundo, ou seja, de um movimento de reencantar (ou remagicizar) o mundo. Paradoxalmente, a modernidade teria tanto afastado a religião do domínio das outras esferas sociais, diminuindo seu poder, como também produzido um diverso leque de opções religiosas. Essa nova forma de se relacionar com o sagrado também traz suas marcas e características próprias.

A religião deixa de ser a fonte de autoridade que distribui o certo e o justo e passa a ser um dispositivo de crenças e práticas às quais as pessoas devem se conectar e “sentir” em suas próprias trajetórias individuais (BOBINEAU; TANK-STORPER, 2011).

Essa tendência de um primado da emoção é observada não apenas em movimentos de uma espiritualidade alternativa, mas também dentro das grandes religiões, como as expressões do protestantismo pentecostal, de origem americana, que colocou em foco a oração e a conversão na vida dos fiéis, bem como a Renovação Carismática dentro da Igreja Católica, que no Brasil teve seu ápice no início dos anos 2000, com o fenômeno dos padres cantores e das comunidades vidas, às quais o próprio Vaticano hesitou em reconhecer.

Outro ponto importante dessas novas lógicas religiosas é a da mundanização. No mundo contemporâneo, a atenção se volta para as preocupações vinculadas ao momento presente e à existência intramundana. A salvação pós morte deixa de mobilizar as pessoas e os valores passam a ser orientados para uma ação no mundo.

Seguindo esse rastro, Bobineau e Tank-Storper (2011) situam a busca por cura como outro elemento das novas expressões do religioso. Nesse contexto, a busca por cura faz dos indivíduos os responsáveis por sua própria doença, bem como abrem brecha para que se busque a própria cura. A doença é entendida dentro de um escopo maior em que se busca dar sentido ao próprio adoecimento e onde é possível encontrar uma cura para os males a partir de ações individuais, “[...] permite que indivíduos fragilizados ‘tomem controle’ e se coloquem, em um registro muito moderno, como os principais atores de sua vida diante uma instituição médica acusada de retirar do doente os meios de uma luta contra a própria doença” (BOBINEAU; TANK-STORPER, 2011, p. 112).

Esse amplo panorama, realizado por autores franceses, dialoga bastante com o que apresentamos nas linhas acima. Nos círculos de mulheres de Fortaleza-Ceará, essa dimensão transcendental e sagrada é experienciado de forma desinstitucionalizada, dando bastante espaço para as mulheres construírem novas narrativas e práticas relacionadas ao sagrado, mas distantes de uma autoridade religiosa dogmática.

As modificações por que a religião passa não se configura como um movimento organizado e único, mas antes remete à ideia da mudança como fluidez e contínuo movimento. Crescendo o número de religiões, o sujeito livre tem a possibilidade de escolher qual experiência religiosa vivenciar, quais valores aderir, podendo -ele mesmo- fazer uma colagem e recolagem de crenças e práticas, de modo que melhor dê conta de suas inquietações e curiosidades (GUERRIERO, 2006).

Guerrero (2006) propõe o termo “Novos Movimentos Religiosos” como um termo guarda-chuva para dar guarda a tantas múltiplas expressões de um religioso livre e fluido, podendo ser definidos tanto pelo exotismo e distanciamento de seus símbolos em relação aos padrões culturais estabelecidos como pela ruptura que estabelecem (GUERRIERO, 2006).

As práticas dos círculos são, no geral, individualistas, movidas tanto pela noção de cura como de uma reconexão de si e se expressam, sobretudo, nos círculos mais ritualísticos, quando essas mulheres se deixam conduzir para uma experiência em que o sagrado é acessado dentro delas mesmas. Nos rituais que acompanhamentos era comum a presença de cânticos, sons de tambores, danças, além do uso de velas, incenso e sálvia

para defumação e meditações guiadas pelas facilitadoras. O sentido de cura e ou busca, ritualísticas para conexão consigo, de banimento e prosperidade, além de práticas terapêuticas (relacionadas ao útero ou não) se somam configurando a paisagem do que vem sendo chamado de Sagrado Feminino.

Entendemos, então, que a religião teria se dissolvido na modernidade, abrindo caminho para outras formas de relação com o sagrado, como por exemplo, por meio de buscas pessoais e extremamente individualizada, sendo possível compor rituais com diversas referências (orixás, deusas hindus, etc), cânticos que fazem alusão a totens e ao mesmo tempo ao pai nosso católico, hinários do santo daime sendo entoados ao lado de pontos de orixás.

Ao entrevistar algumas dessas mulheres participantes dos círculos, começaram a ficar mais claras as interseções que os círculos de mulheres fazem com a esfera da religião (sem perder de vista que a própria noção de religião se coloca em movimento na modernidade).

É comum nos círculos que essas mulheres se identifiquem como buscadoras, sendo o espaço do círculo mais um onde se exerce essa busca. Essa busca pode ser desde a cura para algum mal-estar físico, espiritual ou emocional ou ainda estando identificada como uma busca por uma maior conexão consigo mesma, a partir de processos de autoconhecimento e expansão da consciência, associados ao universo do New Age.

Essa busca é também refletida no próprio caminhar religioso dessas mulheres que muitas vezes passam por diversas instituições até chegarem nessa espiritualidade mais fluida que os círculos permitem.

Nas entrevistas realizadas, a demanda por uma espiritualidade apartada da instituição ficou ainda mais notória, sendo comum as entrevistadas trazerem falas negando a pertença religiosa e associando suas práticas a referências múltiplas de religiosidade, sem, contudo, aderirem a uma denominação religiosa.

No relato a seguir, a entrevistada fala sobre como sua fé não passa pelas instituições. A mesma também conta um pouco sobre sua história familiar, situando os pais e avós quanto à dimensão religiosa. Nesse breve relato, ela traz elementos do candomblé, do catolicismo e do Seicho-No-Ie, ao mesmo tempo em que nega qualquer vinculação religiosa, se situando de modo “avulso” nesse universo, misturando e embaralhando vários elementos e criando novas referências, como quando fala que a avó que “tinha uma pegada quântica”:

O sagrado nunca passou por igreja, nunca, não passou e não passará, tenho fé (risos). Eu sou uma pessoa, desde que eu me conheço, sou muito espiritualizada, tenho uma relação muito forte com o espiritual, com o mundo do invisível, com o mundo do não dito, então, assim, uns processos muito solitários, mas também muito atento a práticas de outras pessoas. Eu já fui para várias igrejas, mas vou por lazer, por curiosidade, para ver, para testar, eu vou para conhecer, mas não, não passa. Meu sagrado não passa pelas igrejas, passa por uma conexão com energias. Então, eu gosto muito de rituais. Gosto de ritualizar, mas não gosto da ideia de estar vinculada a qualquer instituição religiosa que são marcadamente orientadas por homens [...]. E então assim, minha mãe não tem religião, meu pai não tem religião. Minha avó materna era da Seicho-No-Ie, mas eu acho que era só para disfarçar porque ela era macumbeira sem nem saber, mas, enfim, [ela] conversava com os antepassados dela, fazia oração em japonês e tudo [...] tinha uma vibração, uma relação com o rito de cura muito forte. Minha avó curava com mantras que ninguém entendia, falando umas palavrinhas com os antepassados dela [...] Já da família do meu pai, eu não sei muito, mas minha avó tinha Nossa Senhora Aparecida, que eu inclusive tenho na minha casa por causa da minha avó. Mas eu nunca fui nem de ir para a igreja com ela. Assim, não sei qual era a relação dela com a igreja. Minhas avós são de São Paulo e eu cresci aqui [Ceará]. Mas a minha avó da Seicho-No-Ie, ela tinha muito uma “pegada” que eu digo hoje que é quântica, bruxa, que eu [também] tenho, então, eu sou muito vinculada [à ela]. Eu faço meus ritos para os orixás hoje, [...] eu tenho Oxum aqui, converso com Oxum, converso com Oxalá, eu fui descobrindo entidades que estão na minha linhagem de proteção, mas não, não passa [por igrejas]. Já tentei me aproximar do Candomblé, achei ótimo, esse pai de Santo, achei um pai de Santo preto aqui e aí fui lá e disse, ah, acho que vou ficar com ele. Aí eu chego lá e ele diz assim, fez o jogo e falou: -você não fica em igreja nenhuma, não tem quem faça você ficar numa igreja, seja ela qual for. Ai eu digo, ai que ótimo (risos)!

A entrevistada modifica o sentido de ir para uma igreja, agora não mais como uma prática que engendra uma identidade religiosa, seja ela herdada ou por meio da conversão, mas sim como algo da esfera do “lazer”, para “testar”, por “curiosidade”.

Também ficou claro como a modernidade é um campo paradoxalmente fértil, já que ao mesmo tempo que destitui a religião de poder também pluralizou e multiplicou a experiência religiosa. Ou seja, ao mesmo tempo em que a modernidade abriu espaço para a razão e o processo de burocratização da vida, ela também iniciou um processo de remagificação do mundo. Essa tensão é expressa, no contexto estudado, no perfil das mulheres participantes, que ainda que escolarizadas (graduação e -ou pós-graduação) também vivenciam a espiritualidade, esta marcada pelos tons da modernidade-individualizada, não institucional, intramundana, em busca de cura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, como já anunciado na introdução, é uma tentativa de sintetizar a pesquisa que vem sendo conduzida por mim, Raquel G Mesquita e orientada pelo professor Cristian Paiva. Tentamos aqui, apresentar os achados mais importantes do

campo, lançando mão de uma gama de assuntos de muito interesse pela sociologia e antropologia.

Nesse artigo, optamos por discutir o tema a religião/espiritualidade, deixando muitos outros de fora. O exercício foi o de tomar essa dimensão do sagrado e problematizá-la a partir de um quadro teórico da Sociologia da Religião. Acreditamos que a discussão sobre modernidade e religião abre caminho para entendermos o que são os círculos. Ainda que as interlocutoras não situem os círculos como religião, negando essa noção, acreditamos que os círculos representam um ponto das camadas de mudança pela qual o religioso está passando.

Nos círculos, essas mulheres buscadoras encontram mais um espaço para exercerem essa espiritualidade nômade, em que o autoconhecimento, a reconexão consigo e a expansão da consciência são a ponte para entrarem em contato com esse sagrado que está não em outro lugar a não ser nelas mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBINEAU, Olivier; TANK-STORPER, Sébastien. *Sociologia das religiões*. Edições Loyola, São Paulo: 2011.

MAGNANI, J.G. *Mystica Urbe*: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

NEGRÃO, L. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.